

1950 LUMEN

293

## Sintomas da ausência de Deus

Quem tiver experiência das almas pode fazer, a cada passo, uma impressionante observação. À medida que alguma sobe na santidade, isto é, que aumenta no conhecimento e na aproximação de Deus, nessa mesma medida se vai julgando pecadora e indigna da Presença de Deus. A pedra de toque da verdadeira santidade está mesmo nesta consciência que a alma vai adquirindo da sua condição de pecadora.

Os Santos, todos eles, são humildes, profundamente humildes, e confessam-se e reconhecem-se como grandes pecadores. A maior parte submete-se mesmo a duríssimas penitências em expiação dos seus pecados. Todos eles são penitentes.

Poderá pensar-se que esta «consciência do pecado» é fruto de um esforço do Santo no sentido de não se orgulhar com as graças e os dons de Deus. Seria como que um remédio ou uma prevenção contra um grave perigo que poderia pôr em risco todo o edifício da santidade.

Nesta ordem de ideias, pensam muitos que a primeira condição para o aperfeiçoamento da virtude e, portanto, para a santidade, é ser humilde: «Deus resiste aos soberbos e dá a sua graça aos humildes» (1). A humildade seria assim condição essencial da santidade; e, se os Santos chegaram a atingir os cimos da perfeição, foi por terem começado por ser humildes, num culto apaixonado da humildade. Santo Agostinho chega mesmo a escrever: «Magnus esse vis? A minimo incipe. Cogitas magnam fabricam construere celsitudinis? de fundamento prius cogita humilitatis» (2).

Vendo, porém, as coisas mais de perto, parece dever chegar-se, por via de regra, a conclusão mais ampla. Embora a humildade atraia as graças de Deus, só a santidade é que torna a alma humilde, porque lhe dá a conhecer a extensão da sua miséria. Poderemos afirmar, por isso, que a humildade é mais efeito da santidade do que condição dela. De facto, reconhece-se santidade onde brilhar a humildade, mas parece poder concluir-se que ninguém será verdadeiramente humilde se não for santo ou não estiver, ao menos, a caminho da santidade.

Alguns passos da Sagrada Escritura ajudar-nos-ão a ver claro, sem sombra de dúvidas a este respeito.

(1) Tiag. IV, 6; I Petr. V, 5.

(2) Lição 8.ª, II loco, do Comum dos Abades.

Quando Isaías teve, no Templo, a visão de Deus, rodeado daquela sublime majestade que tão bem nos descreve no início do capítulo VI do seu livro, não se sentiu esmagado nem pela excelsa glória de Yahweh, nem pelo Seu imenso Poder, nem tampouco pela Sua infinita Santidade. O que a visão de Deus deixou nele de esmagador e terrível foi a consciência da sua profunda miséria, da distância infinita que o separava de Deus, e a sensação forte da sua condição de pecador. A única palavra que pôde, com efeito, proferir, foi uma palavra de profunda angústia: «*Ai de mim! Estou perdido! pois sou um homem de lábios impuros... e os meus olhos viram o Rei Yahweh dos exércitos!*» (3)

Vendo Deus, logo descobriu em si mesmo tamanha imperfeição e pecado, que se julgou completamente perdido. O grito impressionante de Isaías, não foi um acto de humildade que lho fez proferir. O conhecimento de Deus é que o prostou na humildade e no reconhecimento da sua triste condição de pecador: «*ai de mim! estou perdido!*»

O mesmo se deu com Job. Julgando-se inocente e sem pecado, queixava-se de ser injustamente condenado. Mas, quando Deus lhe falou do seio da tempestade, os seus olhos O viram, e aprendeu então a conhecer o que era: «*Meus ouvidos ouviram-Te falar, e agora os meus olhos Te viram: Sei a razão pela qual me acuso e me arrependo no pó e na cinza (XLII, 5-6)*. Só depois de ver a Deus é que se reconheceu pecador.

Da mesma forma S. Pedro, Diante do prodígio da pesca miraculosa, os olhos do Apóstolo descortinam em Cristo um poder sobreumano. Através de Jesus e em Jesus, ele «*vê*» a Deus, e ao sentir a Sua divina Presença, prostra-se imediatamente por terra e exclama apavorado: «*afasta-te de mim, porque sou um homem pecador*» (4).

Esta confissão de Pedro não foi provocada por qualquer falta que houvesse cometido, nem tampouco por um qualquer apressado acto de humildade. A presença e a visão de Deus, a ele como a Isaías, deu-lhes a consciência da sua condição de pecadores. A palavra de Pedro, como a do Profeta, é, pois, a verificação de um facto que se descobriu, inesperadamente, à luz de Deus. É um facto iniludível!

É que a «visão» de Deus, a consciência que d'Ele tomamos, dá-nos olhos para ver para além da carcassa que nos rodeia e nos limita a visão. É n'Ele que nos passamos a ver a nós mesmos, à semelhança de um feixe de luz puríssima que atravessasse, por uma fenda, o ar escuro que estamos respirando e nos mostrasse a infinidade de impurezas que o ar contém. É isto que explica o facto de todos aqueles, que «viram» a Deus, tomarem imediatamente e, *fulminantemente*, consciência do que são: — pecadores.

(3) *Isa. VI, 4.*

(4) *Luc. V, 8.*

João Baptista viu a Deus. Apontou com o dedo da sua mão o Cordeiro de Deus. De si mesmo passou a dizer-se indigno de desatar as correias das sandálias do Senhor<sup>(5)</sup>, e a proclamar que se impunha absolutamente que Jesus crescesse e ele, João, diminuísse<sup>(6)</sup>.

S. Paulo ascendeu ao terceiro céu. Viu e ouviu coisas que nunca os olhos viram nem os ouvidos ouviram. Sentiu, portanto, e viu a Deus. Também ele toma inteira consciência do pecado «que habita nele»<sup>(7)</sup>, e confessa-se o maior dos pecadores: «Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, o primeiro dos quais sou eu»<sup>(8)</sup>. E S. Paulo não diz tal coisa por humildade, pois afirma, imediatamente antes, que está imensamente grato a N. Senhor Jesus Cristo por tê-lo julgado digno de confiança, por tê-lo, por isso mesmo, estabelecido para o Ministério e por lhe ter dado *superabundantemente* a fé e a caridade. A consciência do pecado e da sua condição de pecador é, também nele, portanto, a verificação pura e simples de um facto.

S. João, que repousou a cabeça sobre o Coração divino, abunda nos mesmos sentimentos: «se dizemos que não temos pecado, a nós mesmos nos seduzimos e a verdade não existe em nós... Se nos dizemos sem pecado, fazemo-lo mentiroso e a Sua palavra não existe em nós»<sup>(9)</sup>.

Por sua vez, a Igreja, coluna da Verdade, Esposa de Cristo, em todos os tempos e em todas as suas mais importantes actividades, não se cansa de nos recordar a nossa triste condição de pecadores. E é no acto de maior intimidade com Deus, no momento da maior aproximação de Deus — no Santo Sacrifício da Missa — que ela multiplica as suas orações a implorar misericórdia, e confessa, humilhada, o pecado, que é a sua condição neste mundo.

Logo de começo, antes de o sacerdote escalar os degraus do altar do Sacrifício, este e o povo confessam publicamente os seus pecados, de que *se sentem responsáveis* — *mea culpa... mea maxima culpa* — e invocam mutuamente a misericórdia de Deus. Ao aproximar-se do altar, pede o sacerdote que purifique o povo e a ele mesmo de todas «as nossas iniquidades» e repete, a seguir, que, pelo mérito dos santos, cujas relíquias ali estão, lhe sejam perdoados todos os seus pecados. Dialoga depois o sacerdote com a assembleia, e a oração comum é uma impressionante súplica colectiva de misericórdia: *Kyrie, eleison... Christe, eleison...!*

Antes do Evangelho, não se aproxima o sacerdote do Missal, sem uma vez

(5) *Luc.* III, 16.

(6) *Joa.* III, 30.

(7) *Rom.* VII, 17.

(8) *I Tim.* I, 15.

(9) *I Jo.* I, 8-10.

mais pedir que lhe sejam purificados o coração e os lábios. E ao terminar a leitura do texto sagrado, pede que, por ela, se «apaguem os nossos delitos».

Ao ofertório da Hóstia, o pão é oferecido pelos «seus inumeráveis pecados, ofensas e negligências». E logo se fala do coração contrito da multidão e do seu espírito de humildade para merecer de Deus a aceitação do sacrifício comum. A medida que se aproxima o ponto culminante da Missa, vai aumentando a consciência do nosso pecado, de tal modo que se teme pela salvação e se suplica «sejam arrancados à condenação eterna». Mais adiante, é em voz alta e batendo no peito, que se confessa uma vez mais a nossa tristíssima condição de pecadores: — *nobis quoque peccatoribus*, e se promete ao Pai que está nos céus que também nós perdoaremos as ofensas recebidas, para merecermos o perdão das nossas.

Segue o sacrifício e é logo o *Libera nos* a suplicar a libertação de todos os males e também do pecado, que é o maior de todos eles. E quando se aproxima o momento da comunhão, toda a assembleia bate no peito, a pedir, ao Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, a misericórdia e a paz. Antes de comungar, suplica o sacerdote, e com ele todo o povo, que Jesus Cristo o liberte «das suas iniquidades e de todos os males» e que «não olhe para os seus pecados». E, depois, já com a hóstia entre mãos e batendo no peito, confessa-se indigno de receber Jesus Cristo que vai entrar em sua alma, «apesar da sua indignidade».

No rito bracarense, o reconhecimento da miséria é talvez mais expressivo ainda: «Senhor meu Jesus Cristo, não sou digno de Te receber; apenas Te peço tenhas compaixão de mim que sou um indigno pecador».

O conhecimento de Deus e a aproximação do Senhor dá-nos a noção exacta do que somos. A medida que a alma sobe, mais vastos horizontes se lhe abrem. E assim se explica que, apesar da ausência de faltas, mesmo veniais, nos Santos, a ascensão da alma deles vai de par com a ideia, de cada vez mais nítida, da sua indignidade. Não foi precisamente no momento em que N.<sup>a</sup> Senhora recebeu da palavra do Mensageiro divino a certeza de estar «cheia de graça», que se sentiu a «escrava do Senhor»? E não foi depois de ter concebido do Espírito Santo, e de ser, portanto, já a Mãe de Deus, que Ela proclamou «a sua baixeza»?

A nossa condição de pecadores não está apenas nos actos deliberados de transgressão da Lei de Deus, de que nos acusamos no Tribunal da Penitência. Podemos ter feito um verdadeiro esforço para a cumprir e ter conseguido não a transgredir nunca. O mesmo faziam os fariseus, exactos cumpridores da Lei. Mas Jesus advertiu-nos: «se a vossa justiça não for maior do que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus»<sup>(10)</sup>.

É que além das faltas deliberadas de omissão ou dos actos positivos de trans-

(10) Mat. V, 20.

gressão, nós acarretamos com parte de responsabilidade no pecado colectivo. E não temos consciência disso.

Aproveitamo-nos duma situação de privilégio social injusta, por exemplo. Se não somos directamente responsáveis dela, não nos sentimos culpados. No entanto, poderemos dizer que não temos nenhuma culpa? Morrem milhares de seres à fome; enchem-se as camas dos hospitais de miseráveis que não puderam evitar a doença; vivem dezenas de milhares de famílias em tugúrios miseráveis ou em promiscuidade que lhes torna impossível a prática da virtude; corrompem-se anualmente dezenas de milhares de crianças e de raparigas na aprendizagem dum ofício ou na promiscuidade das fábricas e dos escritórios. Porque não matamos ninguém, porque não atiramos directamente ninguém para a miséria, porque não condenamos ninguém a viver em barracas de lata, porque não desmoralizamos nem prevertemos nenhuma criança, nem descristianizamos nenhum irmão nosso, pode daí concluir-se que estamos isentos de pecado? Não temos, de facto, uma quota parte de responsabilidade nesta situação injusta em que vivem e morrem tantos filhos de Deus?

Cristo avisou-nos de que não nos salvaríamos se não déssemos de comer a quem tem fome, de beber a quem tem sede, de vestir os esfarrapados. Mesmo que nos tenhamos despojado do alimento e do vestuário para matar a fome aos famintos e cobrir os nus, estaremos ainda assim isentos de pecado? A nossa condescendência com os abusos sociais, o nosso silêncio diante da injustiça, a nossa cobardia perante a prepotência dos fortes, o nosso comodismo em face do apelo dos fracos, não serão, verdadeiramente, cumplicidade no pecado colectivo?

Multidões de jovens cristãos abandonaram a Igreja, não cumprem já os preceitos essenciais; passam-se nas telas filmes perversos; anda comercializada a desmoralização em escala de cada vez maior; promove-se, por muitos sistemas, a desorganização da família, desde a ostentação do prazer até à miséria dos salários ou do desemprego; as praias transformam-se em centros de perversão. Pelo facto de não se poder medir o grau de culpabilidade ou de responsabilidade que cabe a cada um de nós nestes pecados colectivos, pode daí concluir-se que estamos isentos de pecado? Não somos todos, de qualquer maneira, responsáveis?

Tém-se dito com muita insistência, nos últimos tempos, que os santos são inconformistas e revolucionários. Isto significa que o conhecimento mais perfeito de Deus lhes dá a consciência desta responsabilidade colectiva, isto é, do pecado de todos; e eles reagem e tomam atitudes de rompimento contra o ambiente e o tradicionalismo dos costumes, chegando a parecer, por vezes, estravagantes. O mundo

(11) Isafas aterrorizou-se não só por ser «um homem de lábios impuros», mas também por habitar «no meio de um povo de lábios impuros» (Isa. VI, 4). O facto de habitar no meio da impureza tornava-o também a ele impuro.

julga-os loucos e insensatos e chega a condená-los. No fundo, nada há de estravagante na alma dos Santos. Compreendendo, à luz de Deus que neles mora intensamente, que o pecado do mundo é também o deles <sup>(11)</sup>, desejam purificar-se e fazer penitência. Daí as suas atitudes de conflito com o mundo e com o seu espírito.

Onde existe a consciência de Deus, aí existe também a consciência do nosso pecado. Esta dilue-se à medida que aquela diminua. Por isso se observa que, onde se perde de todo a consciência do pecado, aí já se perdeu antes a consciência de Deus.

Ora quem está atento à evolução do mundo actual, observa que se vai diluindo de cada vez mais a consciência do pecado. O pecado já não impressiona, já não escandaliza. A própria comunidade cristã não só consente, mas já desculpa, e até certo ponto justifica com as condições modernas da vida, certos pecados que outrora não tolerava no seu seio. Vai-se assim atenuando a ideia de pecado e os homens já não se julgam pecadores. Basta respeitar certas normas de seriedade, por exemplo nas relações ilícitas; basta assumir certas responsabilidades, por exemplo, no estado de adultério ou na violação de donzelas, para se julgarem os culpados perfeitamente em ordem com a sua consciência. Muitos que não faltam à Missa ao domingo só reconhecem dois pecados: matar ou roubar. E mesmo estes crimes já não são crimes — e portanto já não são pecados — se um ponto de honra ou a defesa de uma causa os «justificarem». As vozes que se erguem a falar do pecado ou a condenar a dureza das consciências são tidas como inoportunas, injustas e desactualizadas. Já não são vozes «do nosso tempo».

Nos meios não-praticantes, a consciência do pecado desapareceu por completo. Não se pratica culto nenhum nem se obedece a nenhuma autoridade religiosa, porque se não reconhece a própria condição de pecadores que é a nossa. E, por isso, não há necessidade da prática religiosa...

Não falemos dos meios ateus ou influenciados pelo ateísmo. Nesses, então, o homem não é pecador. É Deus! Tendo-se, com efeito, por um deus, não há lugar nele para o pecado. As virtudes da humildade, do perdão das ofensas, da caridade, são combatidas como rebaixadoras do homem. Aqui o reconhecimento da nossa indignidade é substituída pela vontade de potência, de domínio e de grandeza.

A medida que um homem se afasta de Deus, vai, pois, diminuindo nele a consciência da falta e, pelo contrário, aumentando a complacência de si mesmo, e a ideia de ser um justo. Quando, por isso, a consciência do pecado faltar de todo, significa esse facto ausência total de Deus. À medida, porém, que uma pessoa ou um grupo social se aproximam de Deus, a consciência do pecado vai-se tornando de cada vez mais clara.

Esta conclusão pode servir-nos de termómetro para medir o grau de intensidade da consciência de Deus numa alma ou num determinado grupo social.

ciada  
sorte,  
Estad  
é pr  
triunf

ciais,  
facilic

Poder  
são d  
riame  
maçã  
cente

nós:

Se co  
pecad  
tardar

foram  
um n

munc  
sob c

é o a  
Jesus

aquel  
gas c

seria

a per  
tamb

Deus

E, se assim é, o termómetro acusa baixa progressiva de temperatura na sociedade actual. Hoje, com efeito, um crime já não é um pecado: é fatalidade, má sorte, destino, hereditariedade, doença mental. A mentira é muitas vezes razão de Estado, diplomacia ou habilidade política. O maquiavelismo comercial ou político é prudência e sensatez. O vício é exigência da natureza e o orgulho, condição de triunfo.

E se examinarmos de perto o comportamento religioso de muitos meios sociais, verificaremos neles tranquilidade completa da consciência, apesar da imensa facilidade com que se peca e se transgride a Lei.

Não nos iludamos, portanto, com manifestações exteriores de religiosidade. Podem estas aumentar extraordinariamente, como acontece, por exemplo, em ocasião de perigo ou de conveniência colectiva, sem que esse aumento signifique necessariamente aproximação de Deus ou maior submissão à Sua Vontade. Essa aproximação só pode medir-se pela delicadeza da consciência e pela noção sempre crescente da gravidade do pecado.

Perante a observação dos factos, uma conclusão se impõe, portanto, a todos nós: é urgente tomar a ofensiva dum intensa evangelização em todas as frentes. Se continuarmos apáticos e indiferentes diante do descrédito em que vai caindo o pecado e perante a facilidade com que se multiplicam os actos pecaminosos, não tardaremos a assistir a uma ausência de Deus da alma das multidões, — que nos foram confiadas para que as salvemos. E não tardaremos a encontrar-nos perante um mundo, já não dizemos pagão — porque esse ainda crê nos deuses — mas dum mundo ateu. O ateísmo teórico vai-se, de facto, propagando nos nossos tempos, sob o impulso da força demolidora do comunismo. Mais grave, porém, do que ele é o ateísmo prático que se vai infiltrando insensivelmente de geração em geração. Jesus por certo não brincava quando deixou no Evangelho, para nossa meditação, aquela misteriosa e tremenda pergunta: «Quando o Filho do Homem voltar, julgas que encontrará ainda fé sobre a terra?»<sup>(12)</sup>

São muitos hoje os sintomas de descristianização. Nenhum deles, porém, seria grave em si mesmo, se não fosse acompanhado do mais terrível dos sintomas: a perda de consciência do pecado. É que ela nos demonstra que se vai perdendo também a consciência de Deus.

E é precisamente este o objectivo fundamental do comunismo: expulsar Deus do meio dos homens.

Parece não ser, portanto, cedo de mais para despertar.

É que Deus começa a estar ausente.

P.<sup>o</sup> Abel Varzim

(12) *Luc.* XVIII, 8.